



ESTUDAR CASOS EM DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E ATENDER AOS REQUISITOS DO MÉTODO ESTUDO DE CASO: Incongruência de Objetivos?

CASE STUDYING IN MBA THESIS AND OBEYING CASE STUDY REQUIREMENTS: Unmatching Purposes?

André Andrade ⁽¹⁾

Faculdade 2 de Julho/F2J, Salvador, BA

Luciana Dias ⁽²⁾

Paulo Dinarte Rodrigues ⁽³⁾

Wagner Moreira ⁽⁴⁾

Irene Raguene Troccoli ⁽⁵⁾

Universidade Estácio de Sá/UNESA, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O estudo de caso é uma estratégia de investigação muito utilizada nas pesquisas em gestão, e permite o estudo de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre ele e seu âmbito não estão claramente definidos. Contudo, em que pese sua utilidade na pesquisa científica, o estudo de caso tem sido sujeito a certa banalização na área de Gestão, com uma multiplicação de investigações que assim se autodenominam, mas que, em verdade, não chegam, de fato, a constituir-se como tal. Vários podem ser os motivos para tanto, como, por exemplo, uma dificuldade já no âmbito ontológico-epistemológico do termo: seria o estudo de caso um meio de pesquisa, uma técnica utilizada em pesquisas de campo, ou algo mais? O objetivo deste artigo quantitativo é, com base em um benchmarking, analisar se foram contemplados, de forma explícita, os aspectos relacionados ao planejamento, à coleta e à análise dos dados em uma amostra de dissertações de mestrado do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppead-UFRJ) defendidas nos anos de 2009 a 2014 e que se autoqualificaram como estudos de caso. A conclusão é de que alguns desses aspectos foram plenamente obedecidos, outros apenas tangenciados, e, por fim, alguns foram simplesmente omitidos. Reflexões a respeito são colocadas e futuros estudos são sugeridos.

Palavras-chave: estudo de caso; método científico; administração de empresas.

ABSTRACT

Case study is a type of research widely used in business management researches, allowing the study of contemporary phenomena within its real-life context. However, despite its usefulness in scientific research, case study has been subject to some trivialization in Business Administration, with an increase of researches that claim to be case studies but in fact are not. Several may be the reasons for this, for example, a difficulty already in the ontological and epistemological scope of the term: is the case study a means of research, or a technique used in field research, or something else? This quantitative article, based on a benchmarking, analyzes whether the aspects related to the planning, collection and analysis of data or of evidence were explicitly included in a sample of thesis of Business Administration of the Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppead-UFRJ) defended between 2009 and 2014. The conclusion is that some of these aspects were fully accomplished, others were half followed and still others were simply omitted.

Keywords: case study; scientific method; business administration.

INTRODUÇÃO

A importância e a contribuição da ciência como forma estruturada de geração de conhecimento é notável. Contudo, a despeito do avanço científico em várias áreas do conhecimento, isso não tem ocorrido quando se trata do conhecimento sobre os métodos e sobre as abordagens científicas empregadas (KERLLINGER, 1996). Assim é que a percepção frequente do emprego inadequado de metodologias e a reprodução de mitos que reduzem a credibilidade de alguns métodos reforçam a continuidade de escolhas inadequadas aos propósitos da pesquisa (BARBOSA, 2008).

Um exemplo dessa situação é encontrado junto aos estudos de caso. Trata-se de estratégia de pesquisa adequada quando o interesse da investigação reside mais nos porquês e em como esses são envolvidos nos fenômenos do que na pura descrição e na quantificação de sua ocorrência. Tipicamente, serve a contextos que implicam diferenças na análise do fenômeno e, quando esse último não pode ser hermeticamente isolado, de sua existência real. Com um estudo de caso, podem-se atingir objetivos científicos por meios alternativos a replicações, tais como controles naturais, proposições verbais e teste de uma mesma teoria por meio de novas predições e de novas observações (YIN, 2005).

Contudo, em que pese sua utilidade na pesquisa científica, o estudo de caso tem sido sujeito a certa banalização na área de Administração de Empresas, com uma multiplicação de investigações que assim se autodenominam, mas que, em verdade, não chegam de fato a constituir-se como tal (ALVES-MAZZOTTI, 2006; CRESPO, 2014).

Três podem ser os motivos para tanto. O primeiro seria uma dificuldade já no âmbito ontológico-epistemológico do termo: seria o estudo de caso um meio de pesquisa, uma técnica utilizada em pesquisas de campo, ou algo mais?

Aqui, as opiniões dos autores dedicados ao estudo da metodologia da pesquisa se dividem: para Vergara (2012) e para Martins e Teophilo (2009), por exemplo, o enquadramento é de meio de pesquisa; já para Michel (2009) o estudo de caso é técnica que serve à compreensão de uma unidade no seu próprio contexto. Adicionando mais uma pitada de dúvida à discussão, Cervo, Bervian e da Silva (2013) têm uma terceira opinião - o estudo de caso seria uma forma de pesquisa descritiva - enquanto Hartley (1994) entende que se trata de uma estratégia de investigação.

O segundo motivo para essa má utilização seria o fato de a realização de um estudo de caso não ser trivial:

Na verdade, o maior problema de grande parte dos trabalhos apresentados como estudos de caso é que eles não se caracterizam como tal. Refletindo uma visão equivocada sobre a natureza desse tipo de pesquisa, esses estudos são assim chamados por seus autores pelo simples fato de serem desenvolvidos em apenas uma unidade (uma escola, uma turma) ou por incluírem um número muito reduzido de sujeitos. Frequentemente, o autor apenas aplica um questionário ou faz entrevistas em uma escola, sem explicitar por que aquela escola e não outra, deixando a impressão de que poderia ser qualquer uma. Ou seja, a escola ou a turma escolhida não é um "caso", não apresenta qualquer interesse em si, é apenas um local

disponível para a coleta de dados. (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 639).

Finalmente, o terceiro motivo possível seria a mistura de três elementos, que induzem o cientista social a enquadrar sua pesquisa como estudo de caso, sem realizar maiores indagações a respeito: 1) a perpetuação da distorção quanto ao que verdadeiramente seja o método do estudo de caso (ALVES-MAZZOTTI, 2006); 2) o desejo do pesquisador de, ao se ver rodeado de “estudos de casos” publicados nos mais diversos veículos científicos e ao buscar a aceitação da comunidade científica, se inserir naquilo que ele é levado a crer que seja o mainstream da pesquisa acadêmica nos tempos atuais (FREITAS, 2011); e 3) o desinteresse (ou a incapacidade) em investir em métodos de pesquisa alternativos aos desse mainstream (YIN, 2005), e que, quando originais e ou pouco explorados, poderiam lhe trazer a distinção tão almejada.

Em outras palavras, muitos pesquisadores não compreendem que, sem prejuízo à avaliação que seu trabalho venha a obter, trata-se “simplesmente” daquilo que Merriam (1998) denominou de estudo qualitativo básico ou genérico.

Em vista dessa situação, surge o interesse de investigar se, no meio acadêmico representado por cursos de pós-graduação em Administração, as dissertações de Mestrado que se autodenominam estudos de caso de fato obedeceram aos critérios propostos como necessários a esse tipo de pesquisa. Isso porque é nesse meio acadêmico, que compõe o topo da pirâmide do sistema de ensino, que estão sendo desenvolvidas pesquisas que se propõem à novidade ou, ao menos, ao maior aprofundamento do conhecimento científico já dominado (STEINER, 2005).

Portanto, o objetivo do presente artigo é analisar como foram tratados os aspectos relacionados ao planejamento, à coleta e à análise dos dados do método estudo de caso em amostra selecionada de dissertações da área de Administração de Empresas produzidas no Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppead-UFRJ), defendidas nos anos de 2009 a 2014, e que informam ter utilizado tal estratégia de pesquisa.

Para tanto, ele está estruturado da seguinte forma: revisão de literatura sobre características do estudo de caso, método utilizado no levantamento, análise dos dados, discussão, e, finalmente, contribuições e limitações.

REFERENCIAL TEÓRICO

O propósito do estudo de caso é a descrição, a explicação e a exploração dos fenômenos aos quais é aplicado (YIN, 2005). A opção por essa estratégia de pesquisa é especialmente interessante quando há pouco conhecimento sobre o fenômeno, quando as teorias disponíveis para explicá-lo não são adequadas, ou ainda quando ocorrem mudanças nos processos (HALINEN; TÖRNROOS, 2005).

Como os estudos de caso têm várias aplicações, revelam-se apropriados para pesquisadores individuais. Isso porque garantem que um aspecto de um problema seja estudado em profundidade dentro de um período de tempo limitado. Também são apropriados para a investigação de fenômenos quando há grande variedade de fatores e de relacionamentos que podem ser diretamente observados, e quando não existem leis básicas para determinar quais são importantes.

Um estudo de caso pode ser único ou coletivo (YIN, 2005), considerados por esse

autor como nada além do que duas variantes dos projetos de estudo de caso. O caso é único quando envolve a estratégia de pesquisa aplicada à compreensão de várias dimensões do fenômeno com foco em um caso singular como espaço amostral. Já o estudo de caso coletivo - também chamado de multicase - envolve o estudo das mesmas dimensões do fenômeno em mais de um caso simultaneamente, com objetivo posterior de comparação de resultados.

A escolha dentre esses dois tipos depende do propósito da pesquisa: executa-se o caso único se o objetivo é realizar o teste decisivo de uma teoria significativa, ou que o caso seja revelador, ou que represente algo raro ou extremo; já o caso coletivo, ou múltiplo, é útil quando a pesquisa envolve mais de um sujeito (GODOY, 1995; YIN, 2005).

Em qualquer das duas opções, contudo, não se pode abrir mão da validade externa do caso (OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006), a qual visa a estabelecer o escopo no qual podem ser generalizadas as descobertas de um estudo (YIN, 2005). Para tanto, pode-se utilizar ou uma teoria existente (quando se trata de caso único) ou a lógica de replicação (quando se trata de casos múltiplos) (YIN, 2005).

Outra providência relevante ao se elaborar esse tipo de pesquisa é a especificação de sua unidade de análise, elemento que delimita o que será pesquisado e que garante que o enfoque se restrinja aos fatores mais importantes do estudo (YIN, 2005; LENS, 2011; BEMVINDO, 2014).

O planejamento de um estudo de caso pode seguir as seguintes etapas, de acordo com alguns autores selecionados:

1) Definição da questão de pesquisa, baseada nas questões "como" e

"por que", devendo ser explicativa e ligada a relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo mais do que frequências ou incidências (YIN, 2005).

2) Apresentação da teoria a partir de revisão bibliográfica, sem a qual um estudo de caso nada mais seria do que um relatório ingênuo sobre manifestações dos dados (MARTINS; THEÓPHILO, 2009).

3) Especificação dos construtos (EISENHARDT, 1989; DUBÉ; PARÉ, 2003).

4) Elaboração do desenho de pesquisa: objetivos e questões de pesquisa; perspectivas e modelos teóricos; e recursos (financeiro, tempo) a serem despendidos na pesquisa.

5) Definição do número de casos e de sua seleção (EISENHARDT, 1989; DUBÉ; PARÉ, 2003), sendo que a não adoção de corretos critérios de seleção dos casos podem dificultar o entendimento e até mesmo diminuir a credibilidade da pesquisa (LENS, 2011).

Já na etapa de desenvolvimento de um estudo de caso, passa a assumir importância o protocolo, instrumento que regula a condução da estratégia de pesquisa, contendo as regras gerais que devem ser seguidas e as atividades que devem ser executadas (YIN, 2005; MARTINS; THEÓPHILO, 2009). Sua existência auxilia na confiabilidade da pesquisa - ou seja, garante que a pesquisa possui consistência entre diferentes pesquisadores e diferentes projetos (DUBÉ; PARÉ, 2003; YIN, 2005; GIBBS, 2007).

Alguns itens devem ser levados em conta na coleta de dados de um estudo de caso:

1) A técnica de coleta de dados, que deve ser bem planejada e detalhada para aumentar a credibilidade do estudo, podendo dar-se via observação, entrevistas,

documentos e materiais audiovisuais (DUBÉ; PARÉ, 2003; MARTINS; THEÓPHILO, 2009; CRESWELL, 2010).

2) A validade do construto, remetendo ao estabelecimento de medidas de operação corretas, estabelecendo definições dos principais termos e variáveis da pesquisa (YIN, 2005).

3) O uso de múltiplas fontes de evidência, para garantir a validade do construto, ao permitir que o pesquisador tenha uma ampla diversidade de questões históricas, comportamentais e de atitudes, garantindo-lhe o encadeamento de evidências (OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006)

4) A triangulação - de dados, de pesquisadores, de teorias e de métodos - que, enquanto desenvolvimento de linhas convergentes de investigação, irá garantir que os resultados de um estudo de caso sejam convincentes e acurados (DENZIN, 1978; YIN, 2005; MARTINS; THEÓPHILO, 2009)

5) A qualidade e a consistência da base de dados enquanto o conjunto de informações coletadas num estudo de caso que auxiliam na obtenção da confiabilidade (YIN, 2005). A análise desses dados, por sua vez, deve ser composta por 11 itens: descrição dos procedimentos; anotações de campo; esquema de codificação; flexibilidade; validade do construto; encadeamento de evidências; comparação dos casos; técnicas de análise; validade interna; revisão da literatura; e comparação dos resultados com a pesquisa (OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006).

Quando o pesquisador está envolvido em investigação da qual, devido a necessidades específicas, busca extrair essa possibilidade, o estudo de caso não lhe servirá. Contudo, é mister lembrar que:

Tal como os experimentos, os estudos de caso, portanto, não

representam “amostra” cujos resultados seriam generalizáveis para uma população (generalização estatística). O pesquisador não procura casos representativos de uma população para a qual pretende generalizar os resultados, mas a partir de um conjunto particular de resultados, ele pode gerar proposições teóricas que seriam aplicáveis a outros contextos. A isto Yin (1984, p.39) denomina “generalização analítica”. (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 646).

Além disso, não se podem esquecer as distinções entre estudos de caso com abordagens ditas positivas e interpretativas: no caso das primeiras, o pesquisador busca casos representativos, enquanto o enfoque interpretativo entende que é útil olhar para aquilo que chamam de casos críticos ou extremos (SCAPENS, 2004).

Cabe observar também que, muito embora o processamento de um estudo de caso seja algo relativamente simples, isso não significa que o pesquisador abra mão de se manter muito atento ao longo de sua execução, principalmente se isso acarretar um elevado envolvimento no assunto (VENTURA, 2007). Portanto, uma crítica usual sobre essa estratégia de pesquisa remete ao risco de o investigador apresentar uma falsa certeza das suas conclusões e confiar em evidências que ainda não foram fielmente comprovadas. Ou seja, a fidedignidade das informações, da categorização e da análise realizada pode carecer de aferição (VENTURA, 2007).

Há também a opinião de que estudos de caso requerem muito tempo na consecução, argumento que perde consistência conforme a experiência acumulada nas últimas décadas demonstra ser possível a realização de estudos de caso em períodos mais curtos (GIL, 2011).

Uma última crítica remete ao fato de que, diferentemente do que ocorre com

experimentos e com levantamentos, faltaria rigor metodológico aos estudos de caso, o que acarretaria frequentes vieses que acabam por comprometer-lhes a qualidade dos resultados (GIL, 2010). Esse preconceito encontra suas raízes no fato de, diferentemente de outras estratégias de pesquisa, o desenvolvimento de um estudo de caso não requerer um conjunto fixo de etapas a serem seguidas. De fato, cada caso é um caso. Isso não implica, porém, que a elaboração de um estudo de caso prescindida da consecução de uma sequência lógica de procedimentos, que servem para orientar o pesquisador (MARTINS; THEÓFILO, 2009).

MÉTODO

A presente pesquisa é de abordagem quantitativa, já que se utiliza da estatística descritiva na análise dos dados brutos. Também se enquadra como levantamento bibliográfico quanto aos meios, com seus resultados tendo sido tratados por meio da estatística descritiva (GIL, 2010). Quanto à finalidade, trata-se de pesquisa descritiva: expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza (VERGARA, 2012).

Seu objetivo foi investigar o cumprimento de protocolos estabelecidos para a construção de pesquisas de estudo de caso, junto a amostra de dissertações de mestrado do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppead-UFRJ), defendidas nos anos de 2009 a 2014, e que incluíram a palavra “caso” em seus títulos.

A escolha do período de seis anos deveu-se à adequação da respectiva amostra

à capacidade de trabalho da equipe de pesquisadores que realizou a investigação. Já a escolha por essa escola derivou de sua posição renomada no mercado de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, comprovada pela nota 4 alcançada no quadriênio 2011-13 na qualificação enquanto curso de nível acadêmico junto à Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Já a opção pelas dissertações como objeto dessa análise se deveu à sua importância no mercado acadêmico, conforme já indicado em Cervo, Bervian e Da Silva (2007).

A busca dessas dissertações foi realizada através do portal online da Coppead-UFRJ, utilizando-se o recurso dos filtros de pesquisa tanto temporal quanto do conteúdo dos títulos.

Para se analisar como as dissertações da amostra selecionada trataram os aspectos relacionados ao planejamento, à coleta e à análise dos dados do método estudo de caso, como benchmarking lançou-se mão do artigo de Oliveira, Maçada e Goldoni (2006), no qual está proposto quadro analítico cuja clareza no desenho o torna muito adequado ao tipo de mapeamento aqui executado.

Esse benchmarking indica que um estudo de caso bem elaborado deve conter os seguintes elementos, divididos em quatro grupos distintos:

1) Tipo de pesquisa: descritivo, exploratório ou explanatório.

2) Planejamento do estudo de caso: existência de protocolo; confiabilidade; questão de pesquisa; tipo de questão de pesquisa; apresentação da teoria; especificação de construtos; número de casos; natureza de caso único; replicação literal; replicação teórica; validade externa; unidade de análise; unidade incorporada de análise;

caso piloto; número de casos piloto; critérios para seleção do piloto; local de condução da pesquisa; período no tempo; coleta em diferentes momentos; adequado acesso às informações; tempo gasto no local; período de coleta; uso de equipe; número de autores; papel dos investigadores; desenho de pesquisa.

3) Coleta de dados ou levantamento de evidências do estudo de caso: descrição dos procedimentos; tipo de dados ou de evidências (qualitativo, quantitativo, ambos e nenhum); múltiplas fontes de evidências ou de dados; entrevista; documentos; observação; outra técnica de coleta; triangulação; tipo de triangulação; base de dados; validade do construto.

4) Análise dos dados ou das evidências do estudo de caso: descrição dos procedimentos; anotações de campo; esquema de codificação; flexibilidade; encadeamento lógico de evidências; comparação dos casos; proposição teórica; explanação concorrente; descrição do caso; adequação ao padrão; construção de explanação; análise de séries temporais; modelos lógicos; síntese de casos cruzados; validade interna; citações; revisão do projeto; comparação com literatura; validade do construto.

O levantamento para a composição da amostra indicou inicialmente 43 dissertações, que foram baixadas e armazenadas em meio eletrônico. Um grupo de quatro pesquisadores dividiu-as entre si, passando à leitura de seus respectivos capítulos de aspectos do método.

Ao fazê-lo, ali buscaram pelos elementos citados pelo artigo de benchmarking como necessários à qualificação de um estudo de caso; o resultado dessa busca foi listado em tabelas do Microsoft Excel com vistas à posterior tratamento de estatística descritiva.

Esse procedimento implicou a exclusão de uma das dissertações, cujo capítulo de método não trazia informações coerentes e mínimas para a análise proposta. Com isso, a amostra restringiu-se a 42 dissertações.

Vale notar que a busca, nas dissertações, pelos elementos citados no artigo de benchmarking limitou-se a menções explícitas colocadas por seus autores; ou seja, não se lançou mão nem de inferências nem de deduções.

RESULTADOS DA PESQUISA

No que tange à distribuição temporal das 42 dissertações intituladas como estudo de caso, a média no período pesquisado foi de sete trabalhos por ano, sendo que, no ano de 2012, foi encontrado o maior número desse tipo de pesquisa (ver Tabela 1).

Tabela 1 - Dissertações da Coppead-UFRJ intituladas como estudos de caso - Distribuição anual e total - 2009 a 2014

Ano da publicação	Quantidade de dissertações
2009	3
2010	7
2011	7
2012	12
2013	7
2014	6
Total	42

Fonte: Elaboração própria

Resultados Quanto ao Tipo de Pesquisa

Na amostra estudada, 33,3% das dissertações não trouxeram essa informação, e, dentre aquelas que o fizeram, a maioria qualificou-se como exploratória, enquanto a menor preferência foi observada no caso das pesquisas explanatórias (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Dissertações da Coppead-UFRJ intituladas como estudos de caso - Classificação segundo o tipo de pesquisa – 2009 a 2014

Ano	Descritivo	Explanatório	Exploratório	Exploratório-descritivo	Exploratório-explanatório	Não informado	TOTAL
2009	0	0	0	0	2	1	3
2010	1	0	1	1	0	4	7
2011	1	0	2	0	1	3	7
2012	1	0	4	2	2	3	12
2013	0	0	4	1	0	2	7
2014	1	1	3	0	0	1	6
TOTAL	4	1	14	4	5	14	42
Participação percentual	9,5%	2,4%	33,3%	9,5%	11,9%	33,3%	100%

Fonte: Elaboração própria

Resultados Quanto ao Planejamento do Estudo de Caso

Os aspectos que Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) colocam como relevantes nessa etapa da elaboração de um estudo de caso, e que foram identificados na amostra estudada, encontram-se na Tabela 3i, juntamente com suas respectivas quantificações.

Como se trata de diversos itens e como os respectivos percentuais de observação são variados, os resultados dessa fase serão, aqui, colocados da seguinte forma: inicialmente serão ressaltados os casos com percentuais considerados mais expressivos, subjetivamente entendidos como os iguais ou maiores que 40%. Em seguida, serão descritos os demais.

Itens com percentuais iguais ou maiores que 40%

- Questão de pesquisa definida: foi verificado que duas dissertações não trouxeram essa definição, e que, nas demais, as perguntas podiam ser tanto únicas quanto duplas. Quanto às formas como essas perguntas foram colocadas, a maioria (31,1% da amostra) optou por “como”, sendo que

percentual relativamente próximo (26,7%) acusou pergunta dupla, juntando “como” a “por que”.

- Apresentação da teoria: todas as dissertações trouxeram referencial teórico.

- Desenho de pesquisa: essa fase, que conecta dados empíricos à questão inicial de pesquisa e às suas conclusões (YIN, 2005), foi explicitamente informada em praticamente 60% da amostra.

- Caso único: apenas 26 das 42 dissertações (ou seja, 61,9% da amostra) explicitamente indicaram o tipo de caso estudado, dentre as quais 23 (ou seja, 88,5% dessa subamostra) optaram por caso único; dentre esses, houve franca preferência pelo de natureza longitudinal.

- Definição da unidade de análise: tratando-se da parte mais elementar do fenômeno a ser estudado (FRANKFORT-NACHMIAS; NACHMIAS, 1996), a unidade de análise auxilia na delimitação da teoria quando se trata de estudo exploratório, ou confirma a adequação com a teoria que está sendo testada quando se trata de estudo explicativo. Na amostra avaliada, 69% das dissertações explicitamente identificaram suas respectivas unidades de análise.

Tabela 3 – Dissertações da Coppead-UFRJ intituladas como estudos de caso - Presença dos elementos do planejamento – 2009 a 2014

Elemento	Número de ocorrências	Participação percentual
Questão de pesquisa definida	40	95,2%
Tipo de questão: Como/ Por que	12	26,7%
Tipo de questão: O que/ Por que	1	2,2%
Tipo de questão: Por que	4	8,9%
Tipo de questão: Que	7	15,6%
Tipo de questão: Como	14	31,1%
Tipo de questão: outros	7	15,6%
Apresentação da teoria	42	100%
Especificação de construtos	6	14,3%
Desenho de pesquisa	25	59,5%
Caso único	23	54,8%
Natureza do caso único: Crítico	1	4,0%
Natureza do caso único: Revelador	2	9,0%
Natureza do caso único: Longitudinal	20	87,0%
Caso múltiplo	3	7,1%
Replicação literal	0	0,0%
Replicação teórica	1	2,4%
Validade externa	16	38,1%
Definição da unidade de análise	29	69,0%
Unidade de análise incorporada	6	14,0%
Estudo de caso piloto	1	2,4%
Número de caso piloto = 1 caso piloto	1	100%
Critério para escolha do caso piloto	1	100%
Local de condução da pesquisa	9	21,4%
Período no tempo	14	33,3%
Coleta em diferentes momentos	18	42,9%
Adequado acesso	16	38,1%
Tempo gasto no local	12	28,6%
Período de coleta	17	40,5%
Uso de equipe	2	4,8%
Papel dos investigadores	6	14,3%
Protocolo	6	14,3%
Confiabilidade	8	19,0%

Fonte: Elaboração própria, com base em Oliveira, Maçada e Goldoni (2006)

- Coleta em diferentes momentos: tal procedimento visa a pesquisar a dinâmica de um problema, investigando-o várias vezes, ou continuamente, durante determinado período – ou seja, executa-se um corte longitudinal. Foi explicitamente informada em 42,9% da amostra.

- Período de coleta: a identificação do período durante o qual foi executado o levantamento das informações dos estudos de caso (durante os eventos ou

posteriormente) apareceu de forma clara em 40,5% da amostra.

Itens com percentuais menores que 40%

Essa verificação foi dividida em dois grupos: com menções menores que 40% mas não menores que 20%, e menores do que 20% de menções (ver Tabela 3). Essa subdivisão partiu do princípio subjetivo de que menos de 20% significariam frequência muito baixa, devendo esses casos ser destacados.

Itens com percentuais abaixo de 40% e até 20%

- Validade externa: dizendo respeito à extensão em que as conclusões obtidas através do estudo de caso podem ser generalizadas, foi explicitada em 38,1% da amostra

- Período no tempo: relevante para a compreensão das condições em que as informações foram obtidas, a temporalidade da investigação foi detectada de forma clara em 33,3% da amostra.

- Adequado acesso às informações: remetendo à facilidade – ou não – que se apresentou ao pesquisador no caso quando de sua busca pelas informações necessárias à estruturação do caso, essa informação foi registrada de forma explícita em 38,1% das dissertações da amostra.

- Local de condução da pesquisa: não mais que 21,4% da amostra indicaram claramente esse local, identificação relevante para a compreensão das condições em que as informações foram obtidas.

- Tempo gasto no local: a duração dessa fase na pesquisa de campo foi explicitamente indicada em 28,6% da amostra.

Itens com percentuais abaixo de 20%

- Especificação dos construtos: tratando-se de elemento que pode auxiliar no momento da análise dos resultados obtidos com a pesquisa, houve esse tipo de especificação em 14,3% da amostra.

- Caso múltiplo: das 26 dissertações que especificaram o tipo de caso, três optaram pelo caso múltiplo, equivalendo a 7,1% da amostra. Como as replicações literais e teóricas podem ser aplicadas nesse tipo de estudo (YIN, 1999, 2005; DUBÉ; PARÉ, 2003), cabe registrar aqui quais foram suas

observações explícitas na pesquisa: a literal (recurso que conduz a resultados semelhantes por motivos previsíveis) não foi mencionada, enquanto a teórica (que leva a resultados contrastantes por características conhecidas do caso) foi detectada em uma dissertação da amostra.

- Estudo de caso-piloto: esse recurso serve a diversos propósitos, tais como a identificação da unidade de análise e o refinamento dos instrumentos de coleta de dados, além de propiciar maior familiaridade do pesquisador com o fenômeno que está investigando (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987). Na amostra pesquisada, apenas uma dissertação – equivalendo a 2,4% do total – se preocupou em explicitar a realização dessa etapa.

- Uso de equipe: A equipe que auxiliou os respectivos autores a conduzirem as dissertações foi especificada em duas delas, equivalendo a 4,8% da amostra.

- Papel dos investigadores: tem a ver com as atividades designadas para os investigadores do estudo de caso, sendo que, quando esses são diversos, diferentes estratégias de pesquisa podem ser simultaneamente utilizadas, enriquecendo os resultados. Na amostra pesquisada, seis dissertações identificaram de forma clara esses papéis atribuídos a auxiliares das dissertações, significando 14,3% da amostra.

- Protocolo: esse elemento é necessário para assegurar a confiabilidade de estudos de caso, além de importante quando se deseja garantir unicidade nos procedimentos de pesquisa realizada por mais de um investigador, ou em estudos de caso múltiplo (YIN, 2005). A execução de protocolo foi detectada de forma explícita também em 14,3% da amostra

- **Confiabilidade:** tratando-se da capacidade de replicação do estudo por outro pesquisador, e estando, nos estudos de caso, diretamente ligada à existência e ao cumprimento de um protocolo de pesquisa, o cuidado para garantir esse indicador foi mencionado de maneira explícita em 19% da amostra.

- **Unidade de análise incorporada:** remete à possibilidade de estudos de casos, tanto múltiplos como únicos, poderem ser ou incorporados ou holísticos. Nos holísticos - que podem se compor de um único caso ou de múltiplos casos - a unidade de análise é considerada em determinado contexto; já nos incorporados, há subunidades de análise para cada caso. Em 14% da amostra estudada

foi claramente identificada unidade de análise incorporada.

Resultados Quanto à Coleta de Dados

Os aspectos que Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) colocam como relevantes nessa etapa da elaboração de um estudo de caso encontram-se na Tabela 4ⁱⁱ, juntamente com suas respectivas quantificações.

As formas como foram efetuadas as coletas de dados ou de evidências foram explicitadas por 81,0% das dissertações, indicando que 19,0% não trouxeram esse tipo de informação. Dentre as que especificaram, a enorme maioria revelou-se qualitativa.

Tabela 4 - Dissertações da Coppead-UFRJ intituladas como estudos de caso - Presença dos elementos da coleta de dados - 2009 a 2014

Elemento	Número de ocorrências	Participação percentual
Descrição dos procedimentos de coleta de dados	34	81,0%
Tipos de dados: Quanti	3	7,1%
Tipos de dados: Quali	31	73,8%
Tipos de dados: ambos	0	0,0%
Múltiplas fontes de evidências	33	78,6%
Entrevista	35	83,3%
Análise bibliográfico-documental	30	71,4%
Observação	4	9,5%
Outra técnica de coleta	12	28,6%
Triangulação	22	52,4%
Tipo de triangulação - Fonte de dados	22	100%
Base de dados	35	83,3%
Validade do construto	10	23,8%

Fonte: Elaboração própria, com base em Oliveira, Maçada e Goldoni (2006)

Múltiplas fontes de evidência foram informadas por 78,6% da amostra. Já no que tange às técnicas para a obtenção de informações primárias, a entrevista foi a favorita dentre as menções, com 83,3% de preferência. A análise bibliográfico-documental foi detectada em 71,4% da amostra, a observação ocupou 9,5% e outras técnicas chegaram a 28,6% das observações. A triangulação, que serve para robustecer o

caso (OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006), foi claramente discriminada em 52,4% das dissertações, em sua totalidade voltada para a triangulação de dados.

A construção de base de dados ou de evidências, elemento de destaque para a confiabilidade do estudo de caso (YIN, 2005), foi mencionada em apenas 83,3% das dissertações. Por fim, a validade do construto - obtida por meio do relacionamento de

múltiplas fontes de evidência – foi referida de forma clara por 23,8% das dissertações.

Resultados Quanto à Análise de Dados

Os aspectos que Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) colocam como relevantes nessa etapa da elaboração de um estudo de caso encontram-se na Tabela 5, juntamente com suas respectivas quantificações.

À semelhança de o que foi feito no caso da análise da Tabela 3, como aqui

também se trata de diversos itens e como os respectivos percentuais de observação são variados, os resultados dessa fase estão colocados da seguinte forma: inicialmente são ressaltados os casos com percentuais considerados mais expressivos, subjetivamente entendidos como os iguais ou maiores que 40%; em seguida, são descritos os demais.

Tabela 5 - Dissertações da Coppead-UFRJ intituladas como estudos de caso - Presença dos elementos da análise de dados - 2009 a 2014

Elemento	Número de ocorrências	Participação percentual
Descrição dos procedimentos de análise	37	88,1%
Anotações de campo	1	2,4%
Esquema de codificação	17	40,5%
Flexibilidade	25	59,5%
Encadeamento lógico de evidências	24	57,1%
Comparação dos casos	3	7,1%
Proposição teórica	21	50,0%
Explicação concorrente	0	0,0%
Descrição do caso	25	59,5%
Adequação ao padrão	8	19,0%
Construção de explicação	7	16,7%
Análise de séries temporais	7	16,7%
Modelos lógicos	6	14,3%
Síntese de casos cruzados	1	2,4%
Validade interna	6	14,3%
Citações	30	71,4%
Revisão do projeto	3	7,1%
Comparação dos resultados com a literatura	40	95,2%
Validade do construto	9	21,4%

Fonte: Elaboração própria, com base em Oliveira, Maçada e Goldoni (2006)

Itens com percentuais iguais ou maiores que 40%

- Descrição dos procedimentos: refere-se aos procedimentos da análise dos dados, essa análise permite que os resultados sejam mais bem entendidos, além de indicar que o processo foi sistemático e rigoroso. Foi discriminada em 88,1% da amostra.

- Esquema de codificação: trata-se da forma como a codificação é definida,

providência que se deve dar de forma a tornar possível a identificação da lógica adotada nessa definição e a garantir a replicação do estudo. Sua menção explícita ocorreu em 40,5% da amostra.

- Flexibilidade: serve para melhor aproveitamento de oportunidades que possam surgir ao longo da pesquisa do caso, tais como a incorporação de novas perguntas

ao roteiro de entrevista. Foi explicitamente informada em 59,5% da amostra.

- Encadeamento de evidências: esse elemento visa a permitir que o revisor ou o observador externo siga as derivações de qualquer evidência desde a questão inicial da pesquisa até as últimas conclusões do estudo de caso (DUBÉ; PARÉ, 2003). Foi claramente identificado em 57,1% das dissertações analisadas.

- Proposição teórica: essa proposição deriva da capacidade de o autor de uma pesquisa prover *insight* original sobre um fenômeno ao avançar no conhecimento, de forma a garantir utilidade com algum propósito (CORLEY; GIOIA, 2011). Esse elemento, entendido como a proposição de uma nova teoria a partir dos achados do estudo de caso, esteve explícito em metade das dissertações da amostra.

- Descrição do caso: 59,5% das dissertações analisadas cumpriram claramente essa etapa, que implica desenvolver uma estrutura descritiva para organizar o estudo do caso.

- Citações: 71,4% das dissertações recorreram a citações da literatura com vistas a auxiliar na corroboração dos resultados

- Comparação com a literatura: 95,2% das dissertações analisadas executaram essa etapa de forma explícita, a qual serve especialmente à construção de teoria ao possibilitar a comparação de conceitos novos ou de hipóteses com a literatura existente.

Itens com percentuais inferiores a 40%

- Anotações de campo: apenas uma dissertação mencionou ter realizado essa etapa.

- Comparação dos casos: comum em estudos multicase, foi identificada em três das dissertações da amostra.

- Explicação concorrente: significando comparação dos resultados com

proposições teóricas concorrentes, indica que, se uma explicação for válida, as outras não podem ser. Não foi identificada na amostra.

- Adequação ao padrão: Na amostra, oito dissertações, equivalendo a 19% do total, compararam seus resultados com um padrão baseado em teorias prévias.

- Construção de explicação: significando a explicação sobre o caso a partir da análise dos dados ou das evidências obtidos, por meio de um conjunto presumido de elos causais em relação a ele (YIN, 2005), foi executado de maneira clara por 16,7% da amostra.

- Análise de séries temporais: tem a ver com a estratégia utilizada na abordagem quantitativa que utiliza conjunto de observações sobre uma variável, ordenado no tempo, e registrado em períodos regulares. Foi claramente executada em sete das dissertações, equivalendo a 16,7% do total.

- Modelos lógicos: remete à estratégia utilizada na abordagem quantitativa voltada à comparação de eventos empiricamente observados com eventos teoricamente previstos. Seis dissertações – ou seja, 14,3% da amostra – registraram seu uso de forma clara.

- Síntese de casos cruzados: esforço que busca aumentar a validade dos resultados do estudo de caso, essa síntese é realizada por meio da comparação de dados de casos individuais, segundo uma mesma estrutura. Foi realizada em apenas uma dissertação da amostra.

- Validade interna: refere-se ao rigor ou à precisão dos resultados obtidos, ou seja, a quanto as conclusões obtidas representam e ou explicam a realidade estudada (PUNCH, 1998), e foi claramente identificada em 14,3% da amostra.

- Anotações de campo: fundamentais para a construção da base de dados ou de evidências a partir do levantamento

primário, devem ser tão completas quanto possível, incluindo comunicações tanto verbais como não verbais, além da descrição do contexto das conversações (DUBÉ; PARÉ, 2003). Elas foram referidas em apenas uma das dissertações da amostra.

- Validade do construto: referindo-se ao estabelecimento de medidas operacionais corretas para os conceitos que estão sob estudo (YIN, 2005), foi explicitada em 21,4% da amostra.

- Revisão do projeto: ocorre quando sujeitos analisados ou participantes da pesquisa são convidados a darem sua opinião sobre as interpretações e as conclusões do estudo de caso, o que ajuda a corroborar os fatos e as evidências trazidas pela pesquisa (DEVERS, 1999; PATTON, 1999). Foi realizada em três das dissertações, equivalendo a 7,1% da amostra.

DISCUSSÃO

Tipicamente, as dissertações do mestrado acadêmico da Coppead defendidas no período 2009-14 qualificadas como estudo de caso pelos seus respectivos títulos, e que trouxeram de forma explícita as informações buscadas no presente levantamento, foram estudos exploratórios sempre embasados na teoria e desenhados de forma longitudinal, com a questão de pesquisa colocada sob a forma de “como”, e com autores que tiveram interesse em lhe classificar o tipo (classicamente caso único), assim como em definir a unidade de análise – mas não a unidade de análise incorporada.

Ao nível do seu planejamento, elas não se mostraram preocupadas com a validade externa do caso, e foram um tanto displicentes no que tange a dar informações explícitas sobre a temporalidade da pesquisa, sobre os diferentes momentos que

compuseram sua característica longitudinal, sobre o período em que se deu a coleta de dados ou de evidências, e sobre a acessibilidade a esses dados ou evidências.

Ainda no que tange aos aspectos afetos ao planejamento do estudo, essas dissertações praticamente desprezaram – em maior ou menor grau – alguns pontos que Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) colocam como relevantes. Em menor grau podem-se listar a especificação dos construtos, a definição da unidade de análise incorporada, o papel dos investigadores, a definição de protocolo, e a confiabilidade. Em maior grau – com participações percentuais muito reduzidas, aparecendo em uma, duas ou três dissertações apenas – houve enorme desprezo à explicitação quanto à replicação teórica, ao estudo de caso piloto e ao uso de equipe.

O perfil típico dessas dissertações, no que diz respeito à fase de coleta de dados, é de estudos qualitativos que constroem base de dados e que utilizam múltiplas fontes de evidências – obtidas principalmente por meio de entrevistas e de análise bibliográfico-documental. Em menor grau, explicitam a execução da triangulação (sempre de dados), e, em muito menor grau, preocupam-se com a validade dos construtos.

Finalmente, na fase de análise dos dados, classicamente essas dissertações lançaram mão de citações da literatura para auxiliar na corroboração dos resultados, compararam seus resultados primários com aqueles disponíveis na literatura, e preocuparam-se em explicitar as iniciativas voltadas ao desenvolvimento de estrutura descritiva para organizar o estudo do caso – por exemplo, descrevendo esses procedimentos. Em menor grau, deixaram claro que flexibilizaram os procedimentos

para melhor aproveitarem as oportunidades surgidas ao longo da pesquisa do caso, que encadearam as evidências de forma lógica, que se propuseram ao lançamento de teoria, e que se preocuparam em descrever o caso ao desenvolver estrutura descritiva para organizá-lo.

Por outro lado, nessa fase analítica, alguns aspectos não foram explicitamente citados em grande parte das dissertações da amostra, mais uma vez evidenciando o baixo interesse dos autores em atender a pontos que Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) colocam como relevantes. O esquema de codificação, a validade do construto, a validade interna, a adequação ao padrão e a construção de explanação foram algumas dessas omissões, seguidas, em muito maior grau, pelas anotações de campo, pela comparação de casos, pela síntese de dados cruzados e pela revisão do projeto. Por fim, ainda nessa fase, vale ressaltar a total ausência de menção explícita à explanação concorrente.

À luz desses achados, pode-se afirmar que o desprezo, em maior ou menor grau, pela especificação de tantos pontos por essas dissertações que se propuseram a serem estudos de caso, poderá sempre ser revidado, por parte de seus autores, com o argumento de que “os elementos estavam lá, só não apareciam de forma explícita”. Seu raciocínio clássico seria, por exemplo: qual a necessidade de especificar que a abordagem metodológica abraçada é a quantitativa quando isso está evidente pelo tipo de tratamento de dados adotado?

Nesse caso, deve-se contrapor que qualquer trabalho científico deve ser objetivo. Nele, nada deve ser deixado ao sabor das interpretações, quando mais não fosse, para possibilitar sua replicação por outros pesquisadores. Apoiado na monossímia, o gênero científico deve primar pela clareza e

pela objetividade, de forma a evitar a duplicidade de interpretações (MICHEL, 2009). Portanto, fechar os olhos a essa recomendação sugere um preocupante desconhecimento sobre a pesquisa científica em si, e, no caso das dissertações aqui analisadas, sinaliza desinformação epistemológica especificamente sobre o estudo de caso por parte dos autores.

Por exemplo, apenas pouco menos da metade das dissertações levou em conta a importância da identificação da estratégia de pesquisa, ao optarem por colocarem seu problema de pesquisa na forma recomendada por Yin (2005), ou seja, iniciada por “como” ou “o que”. Ou seja, quando o autor de uma pesquisa que se propõe estudo de caso a inicia com “quais” ou “por que”, pode-se dizer que ele está sentenciando seu trabalho a uma séria incongruência metodológica, capaz de levar leitores experientes a duvidar de sua qualidade.

Da mesma forma, tão somente seis das 42 dissertações colocaram de forma explícita a especificação dos construtos. Sabendo-se que, sem essa providência, um estudo de caso não pode almejar contribuir à teoria (EISENHARDT, 1989), deduz-se que os demais dois terços da amostra de fato não tinham essa intenção - o que indicaria o baixo fôlego das dissertações de mestrado de uma escola considerada de elevado nível acadêmico.

Outra crítica provém de a realização de triangulação não ter sido explicitamente citada por cerca de metade da amostra, sabendo-se que o poder de convencimento ou a exatidão de descobertas ou de conclusões de estudos de caso estão diretamente ligados ao uso de diferentes fontes de informação (DUBÉ; PARÉ, 2003). Ou seja, aparentemente por desconhecer a importância de deixar bem claro de que forma esse recurso foi utilizado, uma parte muito considerável das

dissertações executadas entre os anos de 2009 e 2014 na escola analisada terminou por oferecer, à sociedade, pesquisas acadêmicas carentes de maior robustez metodológica. Isso reforça a afirmação de Azevedo et al. (2013), de que a maior parte dos cursos de pós-graduação não prepara os estudantes para o emprego combinado de multimétodos, mas sim para a utilização de um ou outro método.

Por último, é relevante que, em um mestrado acadêmico qualificado como é o caso da Coppead, metade das dissertações no período tratado tenha sido omissa em criar ou em contribuir à teoria. Partindo do princípio de que os trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação, devido ao fôlego normalmente mais extenso de suas pesquisas, podem derivar os artigos científicos com maior robustez de conteúdo, essa lacuna revela-se preocupante. Isso porque é sabido que os periódicos de maior qualificação situados no *mainstream* acadêmico, via de regra, colocam a existência dessa contribuição como condicionante à aceitação dos trabalhos que lhe são submetidos.

Ou seja, um grande número de pesquisas de Mestrado produzidas em uma das maiores universidades brasileiras – nesse caso, financiadas com dinheiro público – estaria originalmente desabilitado a participar com sucesso da tradicional regra de *publish or perish*, com todas as consequências danosas que daí se podem inferir.

CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES

A contribuição do presente artigo à área de Administração de Empresas reside na sugestão de que o ensino de métodos de pesquisa nos ambientes acadêmicos seja reforçado. Um maior rigor nas aulas de

metodologia da pesquisa ajudaria não só os trabalhos finais de curso, assim como os artigos científicos daí derivados, a conterem menos erros metodológicos.

Em paralelo, também contribui para que as bancas examinadoras de trabalhos finais nos cursos de pós-graduação passassem a prestar mais atenção à seção do método, ao invés de se concentrarem naquilo que, normalmente, é considerado o mais importante de uma pesquisa primária: a seção dos resultados.

A presente pesquisa apresenta limitações, sendo a maior delas o fato de se limitar a amostra de conveniência, relativamente reduzida e concentrada em apenas uma escola de pós-graduação. Por isso mesmo, futuras pesquisas podem replicar a presente, analisando trabalhos de conclusão de mestrado em outras escolas brasileiras, tanto do mesmo padrão como de qualificações tanto superiores como inferiores. O mesmo pode ser feito em relação a escolas estrangeiras.

Também poderia ser seguida a sugestão de Oliveira, Maçada e Goldoni (2006): discutir a qualidade com que os elementos enfocados foram abordados nos artigos, para que os leitores possam entender como foram considerados ou desenvolvidos na pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, set./dez., 2006.
- AZEVEDO, C.; OLIVEIRA, L.; GONZALEZ, R.; ABDALLA, M. A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ). **Anais...** Brasília (DF), setembro, 2013.
- BARBOSA, S. L. O estudo de caso e a Evolução da Pesquisa em Administração: Limitações do Método dos Pesquisadores? xxii Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (EnANPAD). **Anais...** Rio de Janeiro (RJ), setembro, 2008.
- BEMVINDO, B. S. T. **O processo de internacionalização de uma multinacional brasileira: Estudo do Caso Vale**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto COPPEAD de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2014.
- BENBASAT, I.; GOLDSTEIN, D.; MEAD, M. The Case Research Strategy in Studies of Information Systems. **MIS Quarterly**, vol. 11, n. 3, pp. 369-385, 1987.
- CERVO, A.; BERVIAN, P.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson, 2013.
- CORLEY, K.; GIOIA, D. Building theory about theory building: what constitutes a theoretical contribution? **Academy of Management Review**, vol. 36, n. 1, p. 12-32, 2011
- CRESPO, P. Fácil, extremamente fácil: O uso de estudo de caso na área de marketing. **Revista Administração em Diálogo**, vol.16, n.2, mai/jun/jul/ago, p.70-86, 2014.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DEVERS, K. How Will We Know 'Good' Qualitative Research When We See It? Beginning the Dialogue in Health Services Research. **Health Services Research**, vol. 34, n. 5, pp. 1153-1188, 1999.
- DUBÉ, L.; PARÉ, G. Rigor in information systems positivist case research: current practices, trends, and recommendations. **MIS Quarterly**, v.27, n.4, p.597-635, dec. 2003.
- EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. **Academy of Management**, v.14, n. 4, p.532-550, oct. 1989.
- FRANKFORT-NACHMIAS, C.; NACHMIAS, D. **Research methods in the social sciences**. 5. ed. New York: St. Martin's Press, 1996.
- FREITAS, M. O Pesquisador hoje: entre o artesanato intelectual e a produção em série. **Cad. EBAPE.BR**, v. 9, nº 4, Opinião 1, Rio de Janeiro, Dez. 2011
- GIBBS, G.R. (2007). Analyzing qualitative data. In U. Flick (Ed.), **The sage qualitative research kit**. London: Sage.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2011.

- GODOY, S. A. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.3, p, 20-29, Mai./Jun. 1995.
- HALINEN, A.; TÖRNROOS, J.-A. Using case methods in the study of contemporary business networks. **Journal of Business Research**, v. 58, n. 9, p.1285-1297, set. 2005.
- HARTLEY, J. F. Case studies in organizational research. In: CASSELL, Catherine & SYMON, Gillian (Ed.). **Qualitative methods in organizational research: a practical guide**. London: Sage, p. 208-229, 1994.
- KERLINGER, F.N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU-EDUSP, 1996.
- LENS, G. Análise da aplicação do método estudo de caso em dissertação de mestrado. In: VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2011. **Anais...** Disponível em <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos11/48014587.pdf>. Acessado em 19/11/2015.
- MARTINS, G. A; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2009.
- MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.
- OLIVEIRA, M.; MAÇADA, A.; GOLDONI, V. Análise da Aplicação do Método Estudo de Caso na Área de Sistemas de Informação. XXX Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). **Anais...** Salvador (BA), setembro, 2006.
- PATTON, M. Enhancing the Quality and Credibility of Qualitative Analysis. **Health Services Research**, vol. 34, n. 5, Part II, December, pp. 1189-1208, 1999.
- PUNCH, K.F. **Introduction to Social Research: Quantitative and Qualitative Approaches**. Thousand Oaks: Sage. 1998.
- SCAPENS, R. Doing Case Study Research. IN: HUMPHREY, L. **The Real Life Guide to Accounting Research: A Behind-the-Scenes View of Using Qualitative Research Methods**. Oxford (England): Elsevier, p. 257-279, 2004.
- STEINER, J. Qualidade e diversidade institucional na pós-graduação brasileira. **Estudos Avançados**, vol. 19, n. 54, p. 341-365, 2005
- VENTURA, M. O estudo de caso como Modalidade de Pesquisa. **Pedagogia Médica**, v.20, n. 35, p.383-386, set./out. 2007..
- VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2012.
- YIN, R. **Case study research: design and methods**. London: Sage, 1999.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ⁱ Da tabela original foi excluída a estatística referente ao número de autores do estudo de caso, tendo em vista que a amostra foi composta por dissertações de mestrado, o que implica que todas as pesquisas analisadas tinham apenas o mestrando como autor.

ⁱⁱ O termo “documentos” proposto por Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) foi alterado para “análise bibliográfico-documental”, tendo em vista a interpretação (subjativa) de que tal terminologia seria mais abrangente, com base na diferenciação que Vergara (2013) propõe a esses dois termos.

NOTA

(1) Mestrando em Administração e Desenvolvimento Empresarial (MADE) pela Universidade Estácio de Sá/UNESA. Especialista em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing/ESPM/. Graduado em Administração pela Faculdade 2 de Julho, Salvador, BA. É professor da Faculdade 2 de Julho Salvador, BA.

(2) Mestranda em Administração e Desenvolvimento Empresarial (MADE), pela Universidade Estácio de Sá/UNESA. Especialista em Administração pela Coppead/UFRJ. Graduada em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ.

(3) Mestrando em Administração e Desenvolvimento Empresarial (MADE), pela Universidade Estácio de Sá/UNESA. Especialista em Administração Financeira pela Fundação Getúlio Vargas/FGV. Graduado em Economia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Vinculado ao MADE. É diretor de projetos na Lexbridge Fusões e Aquisições.

(4) Mestrando em Administração e Desenvolvimento Empresarial (MADE), pela Universidade Estácio de Sá/UNESA. Especialista em Gestão Comercial pela Fundação Getúlio Vargas/ FGV. Graduado em Administração pelo Centro Universitário da Cidade. Trabalha na Vitória Real Distribuição Ltda.

(5) Doutora e mestre em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ. Graduada em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora de Marketing e de Metodologia da Pesquisa do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial (MADE), da Universidade Estácio de Sá/UNESA.

Enviado: 09/06/2016

Aceito: 06/02/2017